



O entrecruzamento de literatura e história em *Netto perde sua alma*, de Tabajara Ruas

Cibele Hechel Colares da Costa*

1 Aspectos teóricos acerca de questões envolvendo literatura e história

A Revolução Farroupilha foi uma das principais guerras que o estado do Rio Grande do Sul teve, ao longo de sua história. Com este conflito, diversos sargentos, generais e outros se envolveram nas batalhas e, conseqüentemente, tornaram-se importantes personalidades históricas, pela dimensão que o evento revolucionário tomou. Porém, tal acontecimento não ficou restrito às páginas da história, pois alguns ficcionistas levaram às páginas da literatura os heróis e as batalhas farroupilhas. Um destes escritores é Tabajara Ruas, que no romance *Netto perde sua alma* (1995) escolhe como protagonista o general Antônio de Souza Netto, um dos principais envolvidos na revolução que durou de 1835 a 1845.

O general Netto pode ser observado de ângulos diversos: o da historiografia tradicional, que construiu uma imagem deste como sendo o bravo e destemido homem que lutou pela liberdade do Rio Grande do Sul; ou o da ficção, em que o romancista, sem qualquer compromisso com os fatos reais, cria um general, dentro de sua obra, com as características que melhor lhe convier, somente

* Mestranda em História da Literatura (FURG).

se preocupando em manter a coerência interna da obra literária. Percebendo estes dois diferentes gerais, é possível apontar suas peculiaridades e estabelecer um estudo comparativo entre ambos, mas não no sentido de um ser mais verdadeiro do que o outro, mas quanto à forma em que ambos foram construídos, a partir de suas relações com a história e a ficção.

1.1 A criação da personagem

A personagem é um *ser de linguagem*, visto que a sua construção se dá através de “uma composição verbal, uma síntese de palavras, sugerindo um certo tipo de realidade” (Candido: 1998, 78) e quem dá vida a estes seres de linguagem é o autor, através da presença de um narrador, outro elemento de grande importância para a construção das personagens. Segundo Beth Brait, em sua obra *A personagem*, em que temos uma perspectiva mais ampla para este conceito, há dois aspectos para os quais Aristóteles, na sua *Poética*, aponta, com a questão da *mimesis*: “a personagem como reflexo da pessoa humana e a personagem como construção, cuja existência obedece às leis particulares que regem o texto” (Aristóteles apud Brait: 1999, 29).

Outro conceito dado por Aristóteles é o de que a personagem obedece “às leis particulares que regem o texto”, ou seja, a verossimilhança interna. Este fator pode ser considerado como sendo a verdade dentro da obra, um fato que na vida real seria impossível, mas dentro da obra o romancista cria um cenário (ambiente) para possibilitar essa verdade. Isto interfere, e muito, na criação ficcional, visto que as personagens podem ter características e atitudes que jamais uma pessoa teria, pois isto seria fruto

de verossimilhança, com as personagens obedecendo a uma lógica interna ao texto.

Ao observar a criação de uma personagem dentro de determinada obra é preciso olhar, também, as demais partes que compõem a obra, afinal é impossível analisar a personagem sem levar em consideração o espaço e o tempo nos quais ela está inserida e, principalmente, o narrador que a apresenta, pois é através do narrador (foco narrativo) que temos acesso direto à personagem; ele mostra, descreve, constrói a personagem. Neste sentido, Brait (1999) mostra o conceito de narrador em terceira pessoa (narrador onisciente):

O narrador em terceira pessoa simula um registro contínuo, focalizando a personagem nos momentos precisos que interessam ao andamento da história e à materialização dos seres que a vivem (Brait: 1999, 56).

Geralmente, quando o narrador da obra é em terceira pessoa, logo se pensa em um narrador imparcial, ou seja, que não trará seu julgamento para dentro da história, mas isto não é o que ocorre, visto que não há imparcialidade em narrador algum, pois ele sempre será tendencioso; mesmo que às vezes de forma sutil, percebe-se a sua presença dentro da obra. A autora apresenta o narrador como sendo uma espécie de *câmera* pelo fato de ele conseguir

acumular signos, combiná-los de uma maneira a focalizar os traços que, construindo essas instâncias narrativas, concretizando essa existência com palavras, remetem a um extratexto, a um mundo referencial e, portanto, reconhecido pelo leitor (Brait: 1999, 58).

As discussões em relação à personagem, enquanto um ser ficcional e que existe dentro de uma obra, apenas, são muitas, principalmente quando se trata de personagens criadas com inspirações em personagens da história, dentro dos chamados romances históricos; muitas vezes, os leitores acabam esquecendo que a obra tem a sua própria realidade e é totalmente ficcional, com exceção dos textos biográficos. E é pelo fato de a obra ter a sua própria realidade que ela não tem compromisso com o mundo fora da narrativa, principalmente no caso da personagem histórica: mesmo sendo alguém que existiu de fato, o autor, ao colocá-la dentro de uma narrativa, desde que com sustentação da verossimilhança, pode atribuir as características que bem lhe convier, dependendo da intenção da obra.

Na obra *Literatura e história*, da autora Maria Teresa de Freitas, é discutida a personagem fictícia dentro do romance histórico, em que ela aborda a questão da coerência das personagens que participam deste tipo de romance e são pessoas que participaram da história e, também, da criação de personagens fictícias que acabam sendo consideradas substitutas das personagens reais. A partir disso, Freitas se preocupa em observar as personagens enquanto sua função na história e a sua dimensão sociopolítica, bem como a das personagens anônimas e a sua ação coletiva:

A simples coexistência com personagens históricos, que, na coerência interna dos romances, parece inteiramente natural, confere já aos personagens imaginários uma certa consistência histórica: viveram e agiram efetivamente na realidade histórica comprovada, eles adquirem uma certa credibilidade na medida em que podem ser considerados como *substitutos* de personagens reais (Freitas: 1986, 29).

Estas personagens reais, as quais a autora se refere, são as que o autor da obra fictícia retira da realidade histórica e coloca dentro de sua obra. Porém, o romance histórico não é construído apenas com estas personagens, pois geralmente os autores acabam optando por criar personagens que só existem dentro daquela obra, sendo, muitas vezes, essas criações necessárias para manter a coerência interna da obra – a verossimilhança.

Causam muitas discussões os limites de até onde seriam verdadeiras ou inventadas determinadas características das personagens; nos romances históricos, em especial, cresce essa discussão, devido ao fato de grande parte das personagens que o constituem serem baseadas nas personalidades históricas que viveram os fatos que o escritor selecionou para tratar. Muitas vezes, o leitor cria, inclusive, uma expectativa ao começar a ler o romance, no qual ele acredita que irá encontrar a personificação de alguns ícones da história; essa expectativa é quebrada quando há a percepção de que aquela personagem, muitas vezes, não condiz com o que se conhecia, através da história, sobre tal personalidade. Por exemplo, nos novos romances históricos, muitas personagens heroicas acabam sendo dessacralizadas pelo escritor, característica desse tipo de romance. É importante, então, levar em consideração que uma personagem, por mais inspirada que seja em uma personalidade histórica, ainda assim será um ser ficcional (um ser de papel).

1.2 História x ficção

As aproximações e os distanciamentos entre a história e a ficção são inúmeros, por isso os estudos em torno destas áreas e onde elas se entrecruzam vêm crescendo bastante, à medida que

tem se tornado comum a publicação de obras literárias que se utilizam de personagens históricas e de obras históricas que, por vezes, se utilizam da literatura como um auxílio para os seus estudos. O crítico francês Paul Ricoeur, em sua obra *Tempo e narrativa*, aborda esta questão do entrecruzamento da história e da ficção e traz um conceito fundamental para se entender este entrecruzamento, apontando que história e literatura precisam uma da outra:

Por entrecruzamento da história e da ficção, entendemos a estrutura fundamental, tanto ontológica quanto epistemológica, em virtude da qual a história e a ficção só concretizam cada uma sua respectiva intencionalidade tomando empréstimos da intencionalidade da outra [...]. [A] concretização só é atingida na medida em que, por um lado, a história se serve, de algum modo, da ficção para refigurar o tempo e, por outro lado, a ficção se vale da história com o mesmo objetivo (Ricoeur: 1997, 316-7).

A história se manifesta através dos diferentes discursos historiográficos construídos; já a ficção está presente, principalmente, dentro das obras literárias e a sua ligação mais próxima com a história se dá através dos romances históricos. Ricoeur ainda aponta a história como uma “quase ficção”, contribuindo para tal afirmação o fato de a história ser uma narrativa destinada ao ato da leitura, tal como as obras ficcionais:

A ficção é quase histórica, tanto quanto a história é quase fictícia. A história é quase fictícia, tão logo a quase-presença dos acontecimentos colocados “diante dos olhos” do leitor por uma narrativa animada supre, por sua intuitividade, sua vivacidade, o

caráter esquivo da passadidade do passado, que os paradoxos da representância ilustram. A narrativa de ficção é quase histórica, na medida em que os acontecimentos irreais que ela relata são fatos passados para a voz narrativa que se dirige ao leitor; é assim que eles se parecem com acontecimentos passados e a ficção se parece com a história (Ricoeur: 1997, 329).

Freitas (1986) aponta para alguns dos principais motivos pelos quais os escritores literários procuram a história como fonte para criar seus romances: a riqueza de fatos e personalidades (que dentro do romance acabam por se tornar personagens) atrai os escritores e, além disto, acabam mostrando outra face, muitas vezes omitida na história do fato em questão. Alguns historiadores não-conservadores já estão começando a tratar os romances históricos como fonte de pesquisa histórica. Isto é um grande avanço nesta área, já que o romance histórico era visto, até pouco tempo, como um adversário da história, pois alguns historiadores consideravam que este tipo de obra era mentiroso e denegria a imagem da história que os livros oficiais traziam.

Para tratar a literatura, através dos romances históricos, como fonte de auxílio na pesquisa histórica, é preciso ter bem delimitada, porém, a diferença entre história e literatura, ou seja, os seus limites. A esse respeito, Freitas diz que “os romances impõem aos dados históricos ‘reais’ uma cuidadosa disposição estética; é onde se encontra seu valor propriamente literário” (Freitas: 1986, 5), ou seja, é nesta linha tênue da estética, que é peculiar à literatura, que é possível diferenciar (ou separar) o literário do histórico.

A intenção do autor, ao escrever uma obra literária com fatos históricos, não é contar algo como está nos registros dos livros

de história, mas sim com uma estética que é peculiar da literatura e, em consequência disso, o fato histórico acaba se adaptando às condições internas da narrativa ficcional. Com isso, podemos definir o objetivo do discurso literário:

Todavia, não é ao conhecimento científico que visa a literatura; o objetivo do discurso literário é a produção da *realidade estética*, mesmo se ele se refere a fatos pertencentes à realidade prática ou à científica. E realidade estética significa problematização da realidade objetiva, seja ela qual for; a literatura visaria então não apenas a *colocar* a presença das coisas, mas a *interrogar* essa presença, a colocá-la em questão; e uma das qualidades do texto literário está justamente na força desse questionamento (Freitas: 1986, 42).

Nesta relação entre a história e a literatura, a segunda acaba invadindo e utilizando muito mais a primeira. Embora o contrário também ocorra, pois por vezes a história utiliza-se dos serviços da literatura, e a tendência é essa relação crescer ainda mais – considerando-se que muitos historiadores têm se despedido do preconceito, até algum tempo quase unanimidade dentro dessa área, e observado com bons olhos os romances históricos que apontam este outro viés da história, permitindo uma reflexão mais ampla para o historiador. Apesar desse avanço, não cabe à literatura competir com a produção historiográfica; na verdade, ela só vem acrescentar, tanto para a história quanto para a historiografia, mais um instrumento de estudo e pesquisa que pode vir a possibilitar uma visão, talvez, mais ampla ao seu pesquisador.

Linda Hutcheon discute, na obra *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*, diversos aspectos desta relação entre histó-

ria e ficção; cabe, aqui, apresentar o conceito de metaficção historiográfica que ela desenvolve:

A metaficção historiográfica refuta os métodos naturais, ou de senso comum, para distinguir entre o fato histórico e a ficção. Ela recusa a visão de que apenas a história tem uma pretensão à verdade, por meio do questionamento da base dessa pretensão na historiografia e por meio da afirmação de que tanto a história como a ficção são discursos, construtos humanos, sistemas de significação, e é a partir dessa identidade que as duas obtêm sua principal pretensão à verdade. Esse tipo de ficção pós-moderna também recusa a relegação do passado extratextual ao domínio da historiografia em nome da autonomia da arte (Hutcheon: 1991, 127).

Alguns romances históricos têm como característica a utilização de elementos históricos dentro da trama ficcional, mas com o diferencial de que naquele universo o autor tem a liberdade de modificar os fatos para, desta forma, respeitar a coerência interna da obra e mostrar outra perspectiva que o discurso histórico não mostra. A autora canadense afirma, ainda a este respeito, que a metaficção historiográfica se aproveita das verdades e das mentiras do registro histórico, assim contribuindo para a construção das narrativas literárias (Hutcheon: 1988, 152).

Abordadas estas questões que abrangem a relação entre história e literatura (ficção), com certeza o romance histórico é a grande atração desta tão discutida relação, e através da leitura deste tipo de romance pode-se perceber todas as questões que foram expostas aqui.

1.3 Romance histórico

O romance histórico tem sido estudado por muitos críticos e teóricos, e o fato de as principais características da construção deste tipo de romance terem se modificado com o passar dos anos acabou criando uma divisão: romance histórico tradicional e o novo romance histórico. Os romances históricos que vêm sendo publicados atualmente enquadram-se mais na categoria do novo romance histórico. Quanto à identificação da obra enquanto romance histórico e a sua verossimilhança:

O facto de o campo interno de referência incorporar de forma predominante elementos históricos do campo externo de referência permite-nos classificar determinada obra como romance histórico e a sua intriga como mundo possível (caracterizado de forma realista). Assim sendo, entendemos o conceito de mundo possível como sinónimo de mundo ficcional verossímil (Puga: 2006, 15).

Partindo para uma pequena comparação entre os dois tipos de romances históricos, temos, como uma das principais diferenças, a questão da personagem. No romance histórico tradicional, a personagem é puramente ficcional, sendo as personalidades históricas utilizadas apenas como o “pano de fundo” da narrativa, não havendo um desenvolvimento desta personagem, que pode ser classificada, utilizando a teoria literária, como *personagem plana*, ou seja, é uma personagem que não surpreende o leitor ao longo da narrativa, ela simplesmente cumpre o seu papel dentro da obra. Já no novo romance histórico, o protagonista da narrativa é a personalidade histórica, com este podendo ser considerado uma

personagem redonda, segundo a teoria literária, pois se desenvolve ao longo da narrativa, é uma personagem capaz de surpreender o leitor. É importante, ainda, atentarmos para a desconstrução que é feita da personalidade histórica, pois ao criar uma narrativa, constrói-se uma história que tem a sua verossimilhança interna e, para respeitá-la, o escritor, na maioria das vezes, não mantém a personagem com as mesmas características da personalidade histórica.

Ao se ler algum romance que se enquadre no novo romance histórico, é possível encontrar heróis de nossa história com sentimentos e ações de homens simples, sem heroísmo algum. Isto porque esta categoria do romance mostra mais o “lado psicológico” do personagem e seus sentimentos, e não se preocupa muito com seus feitos históricos ou o heroísmo. Ainda comparando os tipos de romances históricos, a questão do tempo (dentro da narrativa) é uma característica bastante importante, pois temos nos romances históricos tradicionais uma narrativa com a sua temporalidade cronologicamente correta, de acordo com os fatos históricos de que o romance trata. Por outro lado, temos nos novos romances históricos justamente o oposto, ou seja, não existe uma preocupação, por parte do romancista, em manter a linearidade cronológico-temporal com relação aos fatos históricos que a narrativa desenvolve, pois muitas vezes utiliza-se de recursos como anacronismo, omissões e exageros para construir uma quebra da linearidade temporal, característica que marca fortemente esta categoria de romance histórico.

A metaficção, ou seja, a exposição consciente por parte do escritor de que ele está escrevendo uma obra puramente ficcional é outra característica bastante presente nos novos romances históricos. É muito comum o narrador deste tipo de obra se apresentar em primeira pessoa; sendo assim, em diversos momentos, este

narrador acaba fazendo comentários nos quais expõe o processo de criação de sua narrativa e os mecanismos de construção da mesma.

A complexidade que tange este tipo de romance e, igualmente, o trabalho minucioso do escritor ao fazer suas escolhas para montar a narrativa como um todo é perceptível; afinal, depende dele a escolha do tema, das personagens, do narrador, do tempo e de tudo mais que abrange a obra. E por se tratar de um romance histórico, mais complexo se torna, devido à proximidade com a realidade e com personalidades que tiveram existência comprovada.

2 A construção do mito de Netto

A bibliografia sobre a Revolução Farroupilha é muito vasta, porém a produção biográfica de seus heróis não é muito abrangente. Dois historiadores que em suas obras abordaram alguns aspectos biográficos de Antônio de Souza Netto foram Aquiles Porto Alegre, em *Homens ilustres do Rio Grande do Sul*, e Décio Vignoli das Neves, em *Vultos do Rio Grande*. Ambos os historiadores, em suas obras, mostram personalidades importantes que fizeram parte não somente da Revolução Farroupilha, mas de outros momentos históricos de grande relevância: no caso de Porto Alegre, destacam-se personalidades de todo o Rio Grande do Sul; no caso de Neves, destacam-se somente personalidades da cidade de Rio Grande, especificamente.

Aquiles Porto Alegre traz em sua escrita uma grande mitificação desta revolução, mas como sua obra tem cunho mais biográfico, ele acaba por mitificar os heróis que a tornaram um dos maiores e mais marcantes fatos da história sul-rio-grandense. Na sua obra, Porto Alegre exalta Antônio de Souza Netto, o general

responsável pela proclamação da República Rio-Grandense, em 1836, fato que ajudou na sua mitificação. Todo o capítulo dedicado a Netto, da obra *Homens ilustres do Rio Grande do Sul*, traz aspectos positivos e em tom de exaltação da personalidade do general:

Acabava de sair vitorioso do encarniçado combate do Seival, onde, à frente de seus valorosos companheiros de armas, desbaratara, dois dias antes, as forças legais comandadas por João da Silva Tavares, e ele que, em ações precedentes, já havia adquirido invejável fama de brioso e bravo soldado, com essa ruidosa vitória conquistava a supremacia militar no exército e a supremacia política entre os demais chefes republicanos, que agiam ao seu lado (Porto Alegre: 1917, 34).

Através desse pequeno fragmento já é possível perceber que Netto é visto como um homem guerreiro, um vitorioso, alguém que valoriza seus companheiros, ou seja, a figura ideal que poderia servir de imagem do herói da Revolução Farroupilha, não somente dentro de nosso estado, como para o Brasil inteiro. Desta forma, este discurso auxilia, também, na construção da identidade que os primeiros historiadores buscavam criar para os sul-rio-grandenses. Mas Netto não foi o único a ser mitificado pelo discurso historiográfico, pois também David Canabarro e Bento Gonçalves, por exemplo, são considerados pela história como bravos guerreiros que lutaram pelo Rio Grande do Sul – ambos fazem parte de todas as obras históricas que se direcionam para a criação do ideário do homem gaúcho.

Um aspecto bastante interessante é a questão da negação do separatismo como intenção de Netto com a deflagração da Revolução de 35; Porto Alegre apoia essa tese, negando qualquer

intenção por parte do general farroupilha em separar o Rio Grande do Sul do restante do país:

Nesse ofício, entre outras coisas, diz Antônio de Souza Netto:

“Eu (identificado com os princípios que animam todos os verdadeiros autores da gloriosa data de 20 de setembro) posso assegurar a V.Sa. que não é possível levantar o colo a esse demérito partido republicano, que apareceu em Porto Alegre, com o intento de nos separar da sociedade brasileira”.

Destas letras ressalta a não intenção de Antônio Netto, e, se o quiserem, dos demais chefes do movimento insurreto, de bater-se em prol da independência do Rio Grande do Sul e da proclamação da República (Porto Alegre: 1917, 34).

Vistas estas duas citações, retiradas do capítulo em que Porto Alegre trata exclusivamente do general Netto, é notável o en-deusamento e a reverência feitos pelo historiador à personalidade histórica, pois ele trata de dois aspectos básicos para a mitificação de Netto: a sua bravura diante das batalhas e a sua não-intenção em separar o Rio Grande do Sul do restante do país.

Já na obra do historiador rio-grandino Décio Vignoli das Neves, *Vultos do Rio Grande*, tem-se, de forma breve, toda a trajetória de Netto, inclusive com dados sobre seus pais, irmãos, esposa e filhas, e apontando sempre o bom caráter e a seriedade do general, tanto nas batalhas quanto na sua vida familiar. O general farroupilha casou-se com Maria Medina Escayola, porém o matrimônio deu-se quando Netto já estava perto dos sessenta anos (por volta de 1860) e Maria tinha em torno de quarenta anos; mesmo tendo se casado um pouco tardiamente, para os moldes da sociedade da

época, o general farroupilha, ainda assim, constitui família. Netto e Maria tiveram duas filhas: Teotônia Escayola Netto e Maria Antônia Netto, as quais vieram a casar-se com homens, referenciados por Neves, como sendo distintos e de boas famílias.

O autor destaca, dentre outros pontos, a questão da seriedade com que os republicanos gaúchos organizaram a República Rio-Grandense, mostrando dessa forma que eles eram homens honestos e muito comprometidos com o Rio Grande do Sul; com isso, Neves também afasta as ideias separatistas em torno da Revolução de 35:

Para se ter uma ideia da seriedade e retitude de proceder dos homens que organizaram a República Rio-Grandense, basta dizer-se que esta, no decorrer de toda a sua existência de quase dez anos, não teve mais do que quatro generais em exercício de mando (Neves: 1981, 205).

Apesar do seu considerável distanciamento temporal com relação à Revolução Farroupilha, o autor ainda assim tem no general Netto, o proclamador da República Rio-Grandense, um ideal de lealdade e bravura:

7.9. Outras ações guerreiras do bravo Souza Netto. E a sua morte

Passado o glorioso decênio farroupilha, foi de Bagé que saiu Antônio Netto, em 1851, com a sua garbosa cavalaria – Brigada Voluntária Rio-Grandense – que organizara e apetrechara a sua custa, para ir se engajar na luta e derrota das hostes do déspota Juan Rosas, na decisiva batalha de Monte Caseros, o que lhe valeu honrosa citação na Parte Oficial, com a posterior promoção ao título de Brigadeiro Honorário do Exército Brasileiro (Neves: 1981, 215).

Este trecho da obra de Neves permite uma percepção do quanto endeusado era o general Netto, pois várias referências no sentido de exaltação são usadas para se referir à figura dele: “ações guerreiras” e “bravo Souza Netto”. Porém, não só o general é exaltado: tudo que diz respeito a ele, como por exemplo a sua cavalaria, que não é comum, mas uma “garbosa cavalaria”. A morte do general Netto é explicitada na obra de Neves, sendo descrita de forma que o leitor perceba a glória do momento, afinal era impensável que o general Netto tivesse um passamento comum:

Para se ter uma ideia de tão tremenda hecatombe, basta dizer-se que somente das forças da Tríplice Aliança, foram mortos sessenta e quatro oficiais brasileiros, mais onze argentinos e dez uruguaios. Da parte dos paraguaios, que foram os atacantes, ficaram mortos no campo da luta mais de cem oficiais, dentre os mais de vinte mil paraguaios que foram sacrificados.

Já no dia imediato foi mandado o general Netto, tão grave eram os seus ferimentos, para o melhor hospital que podiam dispor, o de Corrientes...

Entre a vida e a morte, pôde ainda o general Antônio de Souza Netto resistir por espaço de mais de trinta dias, quando veio a sucumbir na madrugada de 1º de julho de 1866. Foi sepultado no dia imediato no cemitério de Corrientes, com todas as honras militares e assistência da sua família (Neves: 1981, 218).

Fica perceptível, nesta descrição, a dignidade da morte do general farroupilha, pois ele morreu por consequência de uma brava luta, na qual muitos outros homens importantes morreram. Também o fato de o autor destacar que, depois de internado no hospital

de Corrientes, o general ainda resistiu por um mês, lutando para sobreviver, reafirma a bravura deste general até diante de um dos momentos mais temidos pelo ser humano, a morte.

Após esta passagem, sobre a morte do general farroupilha, o historiador ainda discorre sobre alguns acontecimentos póstumos, que dizem respeito a Netto, que ele coloca como “as últimas vontades do herói”, como por exemplo o fato de o general, antes de falecer, ter deixado dito à sua esposa que gostaria de abrir mão dos vencimentos a que ele tinha direito, deixando-os para o Tesouro Nacional. Mesmo após a morte, Netto deixaria, perpetuadas, as suas boas intenções em defender o Estado e não a família, pois se mostrou desprendido financeiramente.

3 O Netto ficcional

A personagem criada por Tabajara Ruas que representa o líder farroupilha é o protagonista da obra, sendo ele o foco de toda a narrativa. Outras personagens, inspiradas em personalidades históricas contemporâneas a Netto, como por exemplo Giuseppe Garibaldi, Bento Gonçalves e David Canabarro, que participaram junto com Netto da Revolução Farroupilha, também estão presentes no romance.

3.1 A influência das personagens na caracterização de Netto

A obra de Tabajara Ruas é considerada um romance histórico, visto que temos uma escolha feita pelo escritor em tornar um fato (neste caso, mais precisamente, uma personalidade) histórico em algo que ultrapassasse os limites do real para entrar no mundo do ficcional. Embora a obra trate muito da Revolução Farroupilha, ela se desloca temporalmente, por diversas vezes, para outros episódios históricos

do Rio Grande de Sul, pois o autor teve a intenção de utilizar-se mais da personalidade de Netto do que de suas batalhas históricas.

Já na dedicatória do romance, Ruas explicita dois aspectos cruciais para a leitura e possível análise desta obra: que se trata de uma ficção e que é sobre o general Netto. Isto serve, pode-se dizer, como esclarecimento para aquele leitor que espera uma epopeia da Revolução de 35 ou para o leitor que espera encontrar uma biografia do general farroupilha: “Esta ficção sobre o general farroupilha Antônio de Souza Netto foi escrita durante uma viagem no verão europeu de 1995” (Ruas: 2001, 5).

Mas nem só de personalidades históricas se constituem as personagens deste romance, pois temos várias personagens que não existiram dentro da história e foram criadas pelo autor, simplesmente, para existirem no campo ficcional. Algumas destas personagens são: sargento Caldeira, Milonga, a enfermeira Zubiaurre, tenente-coronel Fointainebleux e outros tantos. Destaque para a grande presença de personagens negras neste romance, pois temos sargento Caldeira, Milonga e Benedito; todas as três personagens têm uma forte ligação com o general Netto.

Netto era considerado o general dos escravos, por isso o seu grande envolvimento, no romance, com as personagens negras, que viam no general um homem preocupado com as causas e movimentos que defendiam o fim da escravidão. Havia uma identificação das personagens negras com o general, pois ele era visto como a esperança da liberdade.

A relação entre Netto e Milonga tem seu começo na parte II, “Reunião no Morro da Fortaleza” (8 abr. 1840), quando Netto, junto com Teixeira, conhece Milonga ao ir procurar cavalos em uma estância, na qual este é um empregado. Neste momento Milonga

via Netto como o General dos Escravos, como aquele que traria a liberdade tão esperada por este povo. Isto fica claro em um dos primeiros diálogos entre eles:

– Homens negros, à roda do fogo, falam no general Netto e no Gavião. – Milonga encarou Teixeira com fervor. – Dizem que os dois andam juntos e lutam juntos e querem a liberdade para os homens negros.

– Milonga...

– Todo homem negro que eu conheço quer lutar ao lado do general Netto e do Gavião. Lá na estância, quando o capitão disse que o nome dele era Teixeira, eu adivinhei que ele era o Gavião e vosmecê era o General dos Escravos (Ruas: 2001, 57).

Porém, ao longo da narrativa, Milonga acaba entrando para o Corpo de Lanceiros e depois perde as esperanças de que a escravidão acabe e com isto ele acaba alimentando um grande ódio por Netto. Chega inclusive a tentar matá-lo e, nessa tentativa de atingir aquele que num primeiro momento tanto admirava, Milonga acaba sendo morto pelo sargento Caldeira.

A interferência que Milonga exerce na personalidade de Netto é bastante importante, visto que num primeiro momento o general nele confia, tanto que o torna parte integrante do Corpo de Lanceiros. Porém, Netto percebe a mudança nas atitudes de Milonga e fica desapontado com a tentativa deste em acabar com a sua vida. Este tipo de relação entre as personagens, principalmente os conflitos e os embates entre elas, é o que as faz parecerem tão reais aos olhos do leitor e é o que permite à narrativa o seu desenvolvimento.

Outra personagem bastante importante criada pelo autor é Benedito, afilhado de Netto, pelo qual o general tem um sentimento paterno, tanto que tal sentimento o incomoda, por vezes. O principal momento em que estes dois personagens interagem é quando Benedito procura seu padrinho para pedir permissão para casar; neste momento, Netto demonstra certa melancolia e se sente responsável por seu afilhado. Este tipo de sentimentalismo do general, na relação dele com algumas personagens, como Benedito, por exemplo, é um dos aspectos principais que faz com que o livro de Tabajara Ruas enquadre-se na categoria do novo romance histórico, pois há uma dessacralização da personalidade histórica, Antônio de Souza Netto, para a criação da personagem ficcional.

A esposa de Netto, Maria, é uma personagem plana, porém sua função é bastante importante para o desenvolvimento do general farroupilha, pois é ela quem mais desperta na personalidade de Netto traços de ternura e amor. O general diz-se apaixonado por Maria e pelas filhas que com ela teve, e quando ele lembra (deitado na cama do hospital) de todas elas, é um momento de forte nostalgia.

Todo o romance se passa através das lembranças do general farroupilha, quando o mesmo encontra-se acamado em um hospital por conta de várias doenças e ferimentos, mas a febre que o faz ter delírios é causada pela malária que este adquiriu em uma de suas batalhas. Em meio a estas alucinações febris, ele recebe a visita de sargento Caldeira, considerado por Netto seu mais fiel companheiro, e é para ele que Netto conta todas as suas lembranças. Neste sentido, fica marcada a importância de Caldeira dentro da obra – além de fazer parte das lembranças de Netto, ele está presente no hospital, onde o general vive seus

últimos momentos antes da morte, fato este, aliás, que reforça a lealdade de Caldeira.

Netto não foi a única personalidade histórica que Tabajara Ruas utilizou na criação de seu romance, pois outros nomes importantes foram citados na obra, tais como David Canabarro, Bento Teixeira e Giuseppe Garibaldi. Estes influenciam na criação da personagem de Netto no sentido de corroborar para a construção dentro da obra com a participação deles nos fatos históricos que o escritor optou por inserir em sua história, dando mais veracidade aos fatos.

3.2 O narrador e seu olhar sobre Netto

O narrador é um elemento essencial dentro do romance, pois é através dele que se tem acesso a todas as informações que estão dispostas na obra: personagens, espaço, tempo. É ele quem faz as escolhas de quais fatos irá apresentar ao seu leitor. A narração do romance de Tabajara Ruas dá-se em terceira pessoa, com um narrador onisciente intruso; este narrador é caracterizado pelo fato de colocar na obra as suas impressões e julgamentos, principalmente quanto às personagens. O seguinte trecho ilustra a onisciência deste narrador:

Era inevitável estar empapado no suor da febre e do pesadelo quando sentou na cama, pálido e ofegante. Mas, provisoriamente, estava salvo da vergonha. O major Ramírez dormia, murmurando obscenidades, como quem era. A cama do capitão de los Santos estava vazia. O silêncio tomava os corredores, as escadas, o pátio molhado pela chuva (Ruas: 2001, 23).

A autora Ligia Chiappini Moraes Leite, em *O foco narrativo*, analisa os mais diversos tipos de narradores, recorrendo em especial à tipologia utilizada por Norman Friedman. Sobre o narrador onisciente intruso, diz:

Esse tipo de narrador tem a liberdade de narrar à vontade, de colocar-se acima, ou, como quer J. Pouillon, *por trás*, adotando um ponto de vista divino, como diria Sartre, para além dos limites de tempo e espaço. [...] Como canais de informações, predominam suas próprias palavras, pensamentos e percepções. Seu traço característico é a intrusão, ou seja, seus comentários sobre a vida, os costumes, os caracteres, a moral, que podem ou não estar entrosados com a história narrada (Leite: 1989, 27).

No caso de *Netto perde sua alma*, este narrador mostra-se, de forma clara, primeiramente na escolha dos fatos que ele opta por expor ao leitor, pois a estrutura da obra não segue os fatos cronologicamente de acordo com seu acontecimento. O narrador deixa bem marcado dentro da obra esta questão, pois ao começo de cada parte que compõe a estrutura da obra – são seis, ao todo – ele coloca toda a identificação de tempo e espaço, e outros detalhes que mais lhe convierem:

Parte II – Reunião no morro da fortaleza

Vinte e seis anos antes: Província de São Pedro do Rio Grande, margem esquerda do rio Guaíba, 8 de abril de 1840.

Quinto ano da rebelião rio-grandense contra o Império do Brasil.

Onze horas da noite (Ruas: 2001, 43).

O narrador também se faz presente na obra de forma intrusa, através das vozes que o general farroupilha ouve na cama do hospital de Corrientes. O narrador aproveita o fato de a personagem estar febril para entrar na narrativa sem ser percebido, como se ele fizesse parte de mais um dos delírios de Netto:

Quando a guerra terminar é bem possível que o tenente-coronel receba uma comenda, um consulado. Pensando bem, pensando friamente, nestas circunstâncias, o mais decente a fazer é matar o tenente-coronel Fointainebleux.

– *Muito bem, índio velho, assim é que se faz* – disse a voz bonachona dentro dele.

– *Tem um bisturi na gaveta da cômoda* – acrescentou a voz infantil, num tom inocente (Ruas: 2001, 20).

O recurso da onisciência intrusa faz com que o narrador sintasse à vontade, dentro da obra, para julgar e opinar sobre a vida e as ações do general Netto, pois é principalmente sobre essa personagem que ele exerce influência. Isso pode ser constatado no caso da morte do tenente-coronel Fointainebleux, acima citada, no qual o narrador convence o general que a melhor solução é que ele mate o tenente, ou seja, há um julgamento por parte deste narrador intruso e uma tentativa de manipulação nas ações do protagonista.

Já no trecho citado a seguir, o narrador refere-se num primeiro momento a Netto, quando ele fala que o general está perturbado em seus próprios pensamentos, neste caso se referindo ao casamento de seu afilhado (Benedito); em seguida, o narrador afirma, quanto a Benedito, que este já é um homem crescido e determinado:

Eram os pensamentos que o perturbavam. Benedito queria casar. O negrinho já estava um homem. Já estava formando família. Mas não era isso que o preocupava. Benedito sempre soube o que quis na vida. O que o preocupava era ficar sentado solitário na grande sala de pedra, olhando o fogo até a madrugada, quando já era apenas brasa e o silêncio assombrava a casa (Ruas: 2001, 116).

Com estes exemplos, extraídos do romance de Ruas, ficam ilustradas a onisciência e a intrusão do narrador, as quais expõem os acontecimentos, as personagens e o tempo da obra de modo parcial e tendencioso.

3.3 As diversas lutas da personagem de Netto

Na ficção de Tabajara Ruas, há a opção de se criar uma narrativa sobre Netto, na qual se faz referência a outras importantes lutas da vida do general e não apenas ao Decênio Farrapo, como, por exemplo, a Guerra do Paraguai contra a Tríplice Aliança – é nesta, inclusive, que Netto acaba sendo gravemente ferido.

A maneira reflexiva e por vezes melancólica com que ele encara as batalhas de guerras como a dos Farrapos, por exemplo, faz com que o protagonista seja um herói com sentimentos bastante humanizados, que é capaz de ver o horror de uma guerra e sentir medo de estar ali. Esta seria uma ação impensada para um herói que, visto pelo olhar histórico, era um gaúcho bravo e guerreiro. A parte III, “Dorsal das Encantadas”, tem um momento bastante reflexivo de Netto que, em meio a uma rebelião nos campos do Seival, entra em sua barraca, como se quisesse refugiar-se de todo

o horror que está fora dela, fazendo uma longa reflexão sobre a guerra e também sobre a sua vida:

Netto fechou a porta de lona da barraca e deixou o horror lá fora. Sabia que isso era artificial, que não podia durar, que as forças infernais que tinha desencadeado possuíam autonomia e lógica próprias, mas estava aperfeiçoando uma maneira de estirar esse momento de trégua até o limite da resistência, e o principal artifício era esvaziar a mente de pensamentos (Ruas: 2001, 73).

Esta atitude reflexiva de Netto surpreende o leitor que esperava, ao ler este romance, somente momentos épicos do general farroupilha. Óbvio que estes momentos heroicos também fazem parte do romance, mas o que predomina na obra é justamente o inesperado fato de termos um general moribundo no hospital de Corrientes à beira da morte; e ele é capaz de, diante do horror dos momentos que passou nas guerras, refletir sobre a vida e sobre aspectos que aparentemente não seriam de preocupar um herói de guerra.

A referência feita à Revolução Farroupilha dá-se principalmente na parte I, “Corrientes”, quando sargento Caldeira lê para general Netto uma carta de Giuseppe Garibaldi. Nesta carta, o italiano não poupa elogios para Netto e os demais “bravos guerreiros” que pegaram em armas na revolução de 35.

A leitura desta carta, do Corsário (apelido com que o general carinhosamente tratava Garibaldi), exerce na personagem de Netto uma saudade e uma melancolia dos tempos gloriosos por ele vividos naquele importante momento de sua trajetória. A condição de Netto no momento da leitura da carta – estar acamado – deixa-o mais triste e melancólico ainda.

A guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai foi muito importante para o general, pois foi aí que o general foi gravemente ferido, tendo que ser internado no hospital de Corrientes por muitos dias, lutando pela sobrevivência. Com muitos ferimentos (consequência da guerra) e com uma alta febre (consequência da malária), o general não tinha grandes chances de sobreviver: são vários os indícios ao longo da obra que apontam para a morte de Netto. O falecimento do general pode ser considerado uma luta que este enfrentou, visto que primeiramente ele não aceitou o fato de estar morrendo, mas depois acabou majestosamente seguindo seu destino. O horror maior para Netto naquele instante foi descobrir que o sargento Caldeira era somente um espectro, pois já havia morrido na batalha do Tuiuti, e a visita deste para o general era somente para guiá-lo em direção à canoa que, no romance, num sentido alegórico, está ligada à morte. O fato de o sargento Caldeira acompanhar o general até o último momento de sua vida mostra a lealdade que o general esperava que alguém ainda tivesse por ele, mesmo estando completamente debilitado, pois o próprio Netto diz, quando vê sargento Caldeira, que pela primeira vez, desde que ele estava naquele hospital, alguém tinha aparecido para fazer uma visita.

As batalhas sentimentais e emocionais também foram muito importantes para a construção da personagem, que é mostrada ao leitor não somente como um grande herói farroupilha, mas como alguém com sentimentos – receio, medo, sentimentalismo – de um homem comum.

4 Entrecruzamentos

Neste momento, é possível estabelecer algumas comparações, principalmente entre aspectos abordados na historiografia e

no romance de Tabajara Ruas: quanto aos fatos abordados por ambos e a maneira como estes foram manifestados pelos seus atores e quais as considerações finais acerca desta análise.

4.1 Literatura e história

O escritor Tabajara Ruas percebeu no general Netto uma personalidade histórica capaz de lhe servir como personagem para seu romance. Apesar de existir esta aproximação entre a ficção e a história, é importante destacar que o distanciamento entre elas também existe e pode ser percebido em um aspecto crucial que separa a história da literatura: a estética literária. A literatura não tem a preocupação de retratar a verdade, já que o autor só tem compromisso com a verossimilhança interna da obra, ou seja, ele se preocupa apenas com que os fatos façam sentido no domínio da ficção para que, desta forma, a obra adquira a estética que é peculiar à literatura; enquanto a história tem um compromisso em retratar os fatos com a maior precisão de verdade possível, sem o compromisso estético.

Ao analisar o discurso historiográfico que se criou para retratar a Revolução Farrroupilha, temos como uma das principais personalidades históricas o general Netto, sendo que este discurso é todo construído de uma forma extremamente enaltecida, tanto para Netto quanto para as outras personalidades que participaram desta Revolução, como por exemplo Bento Gonçalves, David Canabarro, Giuseppe Garibaldi e Anita Garibaldi. Este enaltecimento é permeado por uma série de interesses que os historiadores tinham, principalmente em torno da política, visto que dois aspectos foram os que tais historiadores fizeram questão de negar em suas obras: a influência dos platinos na formação do Estado su-

lino e o separatismo enquanto ideal da Revolução de 35. São pontos que o governo central não aceitava como verdade e, portanto, por conveniência política, os historiadores preferiram negar.

A mitificação do general começou a ser construída com historiadores, como Alfredo Ferreira Rodrigues e Souza Docca, que escreveram as primeiras obras históricas sobre a Revolução Farroupilha e seus principais protagonistas. Este discurso se perpetuou e historiadores que se seguiram a Rodrigues e Docca escreveram com as mesmas intencionalidades destes dois primeiros e principalmente sempre enaltecendo os heróis farroupilhas.

Dentro do campo literário, o general Netto e também alguns de seus companheiros de Revolução Farroupilha são recriados como personagens ficcionais por Tabajara Ruas, o qual faz uma des-sacralização da figura de Netto que a historiografia apresentou por tantos anos como um herói destemido e bravo; Ruas apresenta um Netto com sentimentos que a historiografia nunca retratou, tais como a melancolia e o receio. Importante destacar que dentro do romance Netto não deixou de ser um herói, mas ele é apresentado como um novo tipo de herói, com características impensadas pela história para tal personalidade histórica.

4.2 O Netto ficcional e o Netto histórico

Cabe neste momento apontar a existência destes dois gerais e mostrar as suas peculiaridades e a sua importância tanto para a história quanto para a literatura sul-rio-grandenses. Em *Netto perde sua alma*, o general que o leitor vê é bem diferente daquele que o discurso historiográfico apresenta; o general ficcional é, em algumas situações, emotivo, melancólico, reflexivo e

receoso. Apesar de ter estas características, ele não deixa de ser o herói farroupilha, mas se torna um herói com dimensões mais humanas. Algumas cenas do romance marcam bem esta questão de Netto ser um herói com sentimentos e ações por vezes de um homem comum, como por exemplo quando ele admira a luz do luar, uma ação que não se imagina feita por um general farroupilha.

A morte do general Netto é retratada tanto na obra ficcional de Ruas quanto pelo discurso historiográfico; neste aspecto, a ficcionalidade e a história se aproximam ao apresentar a morte do general na obra de Neves (1981), mostrada de uma forma gloriosa, pois ele foi ferido em batalha e não morreu imediatamente, lutou pela sua vida ainda por trinta dias na cama de um hospital em Corrientes. Porém, antes de morrer, ele fez algumas exigências que queria cumpridas caso ele viesse a falecer. No romance, há também referência ao fato do desprendimento do general quanto ao dinheiro, o que é uma forma de reafirmar que ele era um homem preocupado em defender seus ideais, algo que fazia por amor à pátria, e não por lucros financeiros e nem pela família:

Caso viesse a falecer em razão dos ferimentos ou da malária, nada de pensão, nada de títulos póstumos, nada de honrarias. Estava metido naquela guerra sem esperar nenhum benefício e isso deveria ficar bem claro para todos, mesmo depois de morto (Ruas: 2001, 34).

A morte do general farroupilha aconteceu na madrugada de 1º de julho de 1866, em um hospital de Corrientes, na Argentina, trinta dias após lutar ao lado da Tríplice Aliança contra o Paraguai.

Ruas manteve-se fiel à data, ao local e ao momento da morte do general para criar a sua obra ficcional. Isto fica perceptível logo na primeira parte do romance, quando ele contextualiza o leitor quanto ao tempo, ao espaço e ao momento da ação:

Parte I

Corrientes

Hospital Militar de Corrientes, República Argentina, 1º de Julho de 1866.

Segundo ano da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai.

Madrugada (Ruas: 2001, 11).

Após conhecer a história e saber destes detalhes sobre a morte do general, fica claro que Ruas constitui o presente do romance na madrugada da morte do general, pois a obra tem mais quatro partes em que acontece um grande deslocamento espaço-temporal a fim de mostrar diversos momentos, talvez os mais importantes da vida do general. Em nenhum instante, todavia, ele sai da cama do hospital correntino, segundo se confirma na última parte do romance:

Parte VI

Corrientes

Cinco anos depois: Hospital Militar de Corrientes, República Argentina, 1º de julho de 1866.

Segundo ano da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai.

Madrugada (Ruas: 2001, 137).

Ainda quanto aos minutos finais de Netto, é importante ressaltar que Ruas, assim como os historiadores, descreveu uma morte

majestosa. Num primeiro momento, quando o sargento Caldeira diz indiretamente ao general que ele está morrendo, este não aceita a morte:

Encarou num instante de fascinado terror o espectro do sargento Caldeira. É a febre!

Tentou convencer-se de que delirava, e então olhou para o vulto imóvel e silencioso, *que o esperava*.

Ninguém aceita sem reparos a convicção de estar morto. Netto fraquejou, e dobrou os joelhos, e pensou em pedir ajuda. O braço esquerdo estava bom. Foi ele que abraçou o próprio corpo e o sustentou, impedindo a humilhação de cair (Ruas: 2001, 156).

Em seguida, ele toma consciência de sua situação e, como um bravo general farroupilha, aceita a sua morte, entrando na canoa que o espera. A canoa na qual Netto entra é uma alegoria para a morte, visto que desde o começo do romance é feita referência à embarcação:

Aproximou-se da canoa pisando vagaroso a areia macia, já sem pressentimentos, sem cautela, sem olhar para o Vulto, sentindo a mordida fria do ar, dominando o narcisismo desatento, recuperando com satisfação a tolerância, a paternalidade, sentindo-se sagaz e dissimuladamente majestoso. Olhou a praia deserta. (Agora, o vento estava a favor.)

Netto empurrou a canoa e saltou para dentro dela (Ruas: 2001, 157).

Na verdade, esta canoa percorre todo o romance, até que no final ela tem um maior destaque, pelo fato de Netto ter que atravessar o rio e esta travessia representar a sua morte; a canoa tem como remador um “Vulto”, o qual não se manifesta em momento algum,

e que é a referência à figura do ceifador, conhecido por usar uma longa capa preta com capuz e carregar uma gadanha com a qual “ceifava” as vidas. O autor dá subsídios para se fazer esta relação quando Netto tem a primeira visão deste canoeiro; esta personalidade criada dentro da obra é inspirada em duas figuras mitológicas (ceifador e embarcação de Caronte), e sucintamente tem-se uma descrição deste:

Era uma canoa de madeira, comprida e estreita. Encostou na praia a alguns metros deles. O canoeiro saltou para a margem. Netto não viu seu rosto. A capa negra arrastava no chão. O canoeiro ficou parado, silencioso (Ruas: 2001, 155).

Principalmente quando o autor faz referência à “capa negra” que “arrastava no chão”, é inevitável a relação com o ceifador e a embarcação de Caronte e o fato deste canoeiro ter vindo exclusivamente para buscar Netto, o que só confirma a sua função naquele momento: levar (ceifar) a vida do general farroupilha.

Já que Ruas faz referência em sua obra à embarcação de Caronte e ao ceifador, é necessária uma pequena exposição da representação destas figuras. A embarcação de Caronte originou-se na mitologia grega e é representada pela figura de um homem velho e forte com um remo e sua embarcação, sendo a sua função atravessar as almas dos mortos para o outro lado do rio Aqueronte; Caronte também é conhecido como Barqueiro dos Mortos ou Barqueiro dos Infernos. Já o ceifador, cuja imagem corresponde geralmente a uma caveira com uma foice na mão e vestido com uma capa preta e capuz, é originado também da mitologia grega; sua foice, instrumento usado pelo Deus da colheita – Cronos – foi utilizada

por este para castrar seu pai, o Deus Urano, o que acabou fazendo com que este conjunto – caveira, capa preta e foice –, sempre que citado, imediatamente remeta à figura da morte.

Considerações finais

O discurso historiográfico é o grande responsável pela criação da personalidade histórica do general Antônio de Souza Netto, pois é através da leitura das mais diversas obras que constituem tal discurso que a imagem de um bravo general, destemido, valente e honesto, nos é apresentada. A isto está atrelada a questão da mitificação do general, que foi criada ao longo de muitos anos e mesmo alguns historiadores mais atuais ainda trazem em suas obras um Netto totalmente cercado de adjetivos enaltecedores.

A mitificação empreendida no Rio Grande do Sul em torno do tema das guerras e de seus respectivos heróis originou inclusive uma data comemorativa, o 20 de Setembro, também denominado de “Dia do Gaúcho”, feriado estadual em que os municípios sul-rio-grandenses fazem desfiles comemorativos para festejar o orgulho do povo gaúcho. Na verdade, neste dia, no ano de 1835, foi quando os farroupilhas conseguiram invadir a cidade de Porto Alegre, destituindo do poder o presidente da então Província, Fernandes Braga, e efetivando, assim, a Revolução Farroupilha. Ainda existe uma visão da grande maioria dos gaúchos de que os farroupilhas lutaram por um Rio Grande do Sul melhor, sem nenhum interesse político ou financeiro. Como aqueles bravos guerreiros nada temiam, pegando em armas e lutando pelo seu estado, todos os farroupilhas são ícones de bravura e lealdade, mesmo ainda na atualidade.

A literatura tem um papel bastante importante neste aspecto, pois ela possibilita outra visão ao leitor, sobre a Guerra dos Farrapos e sobre o general farroupilha, podendo ser notado no livro de Ruas um Netto receoso, sentimental e muito reflexivo. Sem a preocupação em expor fatos reais, a literatura vem ganhando um espaço bastante significativo através dos romances históricos junto aos estudos de história. Atualmente, os historiadores com um pensamento não focado somente na busca pelos fatos reais têm visto na literatura um auxílio para os seus estudos e uma fonte de pesquisa possível de ser utilizada, não a vendo mais como uma inimiga, mas como uma aliada na busca pelo conhecimento e no desenvolvimento de estudos significativos para ambas as áreas.

Por fim, cabem algumas considerações sobre *Netto perde sua alma* e as caracterizações do novo romance histórico. Enquadrando-se a obra de Tabajara Ruas como um novo romance histórico, é preciso apontar algumas das características principais que o fazem pertencer a tal categoria. Primeiramente, a personagem principal apresentada de modo dessacralizado, pois temos no Netto romanesco um general por vezes melancólico e receoso, e não apenas bravo e guerreiro, como nos discursos historiográficos. Isto faz com que o Netto construído pelos recursos da ficcionalidade não seja igual ao Netto que a historiografia erigiu. Outra característica essencial nesta obra para a sua caracterização enquanto novo romance histórico é a quebra da linearidade espaço-temporal, pois temos a personagem de Netto, durante toda a narrativa, no mesmo espaço, na cama do hospital de Corrientes, mas mesmo assim a obra se desloca para tempos anteriores àquele momento, quando se tem acesso a algumas informações da vida e das batalhas do general farroupilha.

A questão da metaficção historiográfica, conceito apresentado por Linda Hutcheon, é também outro recurso que os novos romances históricos têm por característica e está presente nesta obra. Por exemplo: no prólogo, o autor já avisa ao seu leitor que a obra se trata de uma ficção sobre o general Netto. Desta forma, fica antecipado que naquela obra o autor não tem nenhum compromisso com a realidade retratada pela história, pois será utilizada a figura do general para escrever uma obra ficcional.

Vários são os estudiosos que utilizam o conceito apresentado por Hutcheon, a fim de embasarem seus estudos em torno das questões teóricas quanto à relação entre história e literatura, como Rogério Puga, na sua obra *O essencial sobre o romance histórico*, em que o autor português apresenta a metaficção historiográfica como sendo o fator que visa a “chamar a atenção para o carácter primordialmente ficcional do romance histórico” (Puga: 2006, 69). Neste sentido, pode-se considerar que a metaficção tem, como uma das principais características, apontar para a intencionalidade ficcional do autor na escrita de determinada obra, sem pretensão alguma de descrever fatos reais; a preocupação do romancista, portanto, é apenas manter a verossimilhança dentro da obra que elabora.

No caso do general farroupilha, a história, em seus discursos oficiais, não expõe um general com receio diante dos horrores da guerra, fato que a obra literária expõe, pois não tem compromisso com a realidade exterior à obra, fazendo com que *Netto perde sua alma* seja caracterizado como novo romance histórico, visto que rompe com aspectos e perspectivas que norteiam o romance histórico tradicional; e a metaficção é um grande artifício a favor do romancista, pois ela permite que haja o respeito à verossimilhança da obra e o autor tem total liberdade de criar em cima de fatos e personalidades históricos.

Ao encerrar esta análise, ainda trazer Linda Hutcheon à tona é pertinente, à medida que ela aponta para uma comparação na qual se expõe que tanto a ficção como a história são sistemas culturais de signos, construções ideológicas cuja ideologia inclui sua aparência de autônomas e autossuficientes (Hutcheon: 1991, 149), ou seja, ambas, apesar de diversas aproximações e distanciamentos, funcionam com independência em seus discursos.

Referências

- ALVES, Francisco das Neves. *Revolução Farroupilha: estudos históricos*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2004.
- ARISTÓTELES apud BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1999.
- CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- FREITAS, Maria Tereza de. *Literatura e história: o romance revolucionário de André Malraux*. São Paulo: Atual, 1986.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1989.
- NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande: da cidade e do município*. Primeiro Tomo. Santa Maria: Pallotti, 1981.
- PORTO ALEGRE, Aquiles. *Homens ilustres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: ERUS, 1981.
- PUGA, Rogério Miguel. *O essencial sobre o romance histórico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo III. Campinas: Papyrus, 1997.
- RUAS, Tabajara. *Netto perde sua alma*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
<<http://lendasdobardo.blogspot.com/2007/02/morte-o-ceifador-das-mil-faces.html>>. Acesso em: 14 jan. 2011.

